

Saturnino se defende com garra

MONICA WEINBERG

BRASÍLIA – As sete horas e meia em que ocupou a cadeira de relator, durante a sessão de ontem no Conselho de Ética, deixaram o senador Saturnino Braga (PSB-RJ) exaurido. Conhecido por seu jeito pacato, Saturnino proferiu discursos aguerridos, uma raridade. Brigou, gritou, fez ataques frontais a colegas. Saiu vencedor. Seu relatório, confeccionado nas últimas duas semanas, conseguiu o apoio de dez dos 15 senadores. Saturnino expressou sua felicidade: “Missão cumprida, pronto”, desabafou.

No íntimo, o senador carioca, que cultivava o hábito de andar no calçadão de Ipanema sem despertar muita curiosidade, sente um certo desconforto com o novo papel: “Não é da minha natureza cassar ninguém”, diz. Durante a sessão de ontem, suas mãos, por vezes trêmulas, transpareciam a tensão.

Apesar do constrangimento, Saturnino fez defesa ferina ao próprio relatório, que sugeriu a abertura do processo de cassação dos mandatos dos colegas Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF). Ficou vermelho de irri-

tação ao escutar do senador Paulo Souto (PFL-BA) que estava ultrapassando os limites ao mencionar o teor de sessões secretas do conselho, aquelas em que dois procuradores contaram o conteúdo da conversa com ACM. Esbravejou: “Desafio vossa excelência a abrir um processo de quebra de decoro contra mim.” No intervalo da sessão, Saturnino ouviu um pedido de desculpas de Paulo Souto.

Voz forte – Torpedeado, sob a ameaça de ver uma outra versão, mais branda, ser anexada à sua, reagiu: “Se esses destaques forem aprovados, será o mesmo que re-

jeitar meu relatório”, bradou com voz forte e mãos trêmulas.

A nova rotina produziu episódios antes impensáveis. Um dia antes de divulgar o conteúdo de seu relatório, Saturnino estava tranqüilo em seu quarto de hotel em Brasília, quando bateu à porta um funcionário carregando um pacote sem remetente. O senador chegou a pensar que fosse uma bomba. Deixou o pacote intocado até o dia seguinte, quando abriu a caixa e encontrou um monte de pequis e seu nome escrito em um pedaço de papel. Ficou assustadíssimo. “Não posso nem ouvir falar em pequi”, disse a um amigo.